



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO
PRÓ-REITORIA DE GRADUAÇÃO
CURSO DE JORNALISMO**



UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO

ANNA CLARA FERREIRA QUARESMA

**PODCAST VIVAZ: MULHERES NA CENA MUSICAL INDEPENDENTE DE
BELO HORIZONTE**

MARIANA
2021

UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO
ANNA CLARA FERREIRA QUARESMA

PODCAST VIVAZ: MULHERES NA CENA MUSICAL INDEPENDENTE DE
BELO HORIZONTE

Trabalho de conclusão de curso
apresentado ao Curso de Jornalismo da
Universidade Federal de Ouro Preto,
como parte dos requisitos necessários à
obtenção do título de Bacharel em
Jornalismo.

Orientador: Dr. Carlos Fernando
Jauregui Pinto

MARIANA
2021



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO
REITORIA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E APLICADAS
DEPARTAMENTO DE JORNALISMO



FOLHA DE APROVAÇÃO

Anna Clara Ferreira Quaresma

Podcast Vivaz: mulheres na cena musical independente de Belo Horizonte

Memorial apresentado ao Curso de Jornalismo da Universidade Federal de Ouro Preto como requisito parcial para obtenção do título de bacharel em jornalismo.

Aprovada em 09 de abril de 2021

Membros da banca

Doutor - Carlos Fernando Jáuregui Pinto - Orientador (Universidade Federal de Ouro Preto)
Doutor - Cláudio Rodrigues Coração - (Universidade Federal de Ouro Preto)
Doutora - Lara Linhalis - (Universidade Federal de Ouro Preto)

Carlos Fernando Jáuregui Pinto, orientador do trabalho, aprovou a versão final e autorizou seu depósito na Biblioteca Digital de Trabalhos de Conclusão de Curso da UFOP em 18/02/2022



Documento assinado eletronicamente por **Carlos Fernando Jauregui Pinto, PROFESSOR DE MAGISTERIO SUPERIOR**, em 18/02/2022, às 09:05, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site http://sei.ufop.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **0281979** e o código CRC **7FF0EB7B**.

Referência: Caso responda este documento, indicar expressamente o Processo nº 23109.001886/2022-10

SEI nº 0281979

R. Diogo de Vasconcelos, 122, - Bairro Pilar Ouro Preto/MG, CEP 35400-000
Telefone: (31)3558-2275 - www.ufop.br

UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO
AGRADECIMENTOS

Agradeço à Universidade Federal de Ouro Preto por todo aprendizado e evolução. Ao meu excelentíssimo Prof. O Dr. Carlos Jáuregui, que não mediu esforços para me apoiar, auxiliar e trabalhar em conjunto para que este trabalho fosse finalizado com maestria, como um ótimo orientador. À minha família, em especial Ana Alves de Magalhães (In Memoriam), a que mais me apoiou no mundo da música e me deu o primeiro violão: te amo minha saudosa poetisa e avó.

RESUMO

Este trabalho busca dar voz a narrativas femininas em quatro cenários musicais da cidade de Belo Horizonte: Hip Hop, Pop, Jazz/Música instrumental e Rock Alternativo/Indie. Através de entrevistas, o podcast é dividido em quadros que apontam e discutem o cotidiano feminino: suas vivências, anseios e a luta contra opressões no meio musical. Em episódios de no máximo 50 minutos, é possível conhecer um pouco mais sobre a realidade, ambientação e personagens importantes, que exprimem também informações relevantes sobre as suas diversas contribuições para o mundo da música.

Palavras-chave: Protagonismo feminino, cenas musicais, música, mulheres, Belo Horizonte.

SUMÁRIO

Introdução.....	04
1. Alguns recortes sobre a trajetória das mulheres no mundo da música.....	05
2. Cenas musicais.....	12
3. Podcast.....	15
4. Proposta.....	19
5. Diário de Campo.....	20
6. Referências.....	23
7. Apêndice	26

Introdução - Podcast Vivaz

Diante de uma reflexão acerca do número desigual de publicações informativas e acadêmicas sobre mulheres na música, este trabalho discute algumas nuances das desigualdades que existem entre os gêneros, perpassando pela ideia de patriarcado musical e problematizando os preconceitos que ainda persistem em relação à presença feminina dentro das cenas musicais.

Com o enfoque no universo da música independente, este trabalho pretende falar da realidade feminina dentro desse segmento na cidade de Belo Horizonte. O formato escolhido foi o podcast, concebido como uma entrevista, de três quadros fixos com o intuito de explorar assuntos sobre as vivências de mulheres participantes desse universo.

O trabalho será composto em quatro episódios do podcast, com participação de quatro entrevistadas da capital mineira, que trabalham sem o respaldo de uma grande gravadora no meio musical da cidade, demonstrando a relevância de mulheres para que haja essa movimentação cultural.

As cenas musicais são instâncias onde ocorrem formas de comunicação, trocas e identificação pessoal e movimentação de cultura dentro dos centros urbanos, em ambientes diversos. Os estudos sobre elas se intensificaram nos anos 1990, se estendendo até os dias atuais.

São muitas cenas. Existe a cena musical: do rap, do blues, do rock, do pop... Procurando abordar a diversidade de Belo Horizonte, a escolha das fontes não segue padrões fixos no que diz respeito à idade ou estilo musical. Elas foram escolhidas por minha identificação pessoal com o cenário. Entendendo que a cena musical é, antes de tudo, um lugar de sociabilidade, a familiaridade com as artistas pode facilitar um trabalho de pesquisa e apuração. Dessa forma, trabalharemos com as cenas do hip hop/rap, do pop, do jazz/música instrumental e do indie rock.

Nesse sentido, teremos em vista a noção de patriarcado musical, que é algo presente dentro nas cenas musicais e, neste projeto experimental, o foco da discussão são as mulheres e as maneiras pelas quais elas mantêm sua existência apesar desse tipo de relações. No produto, estarão sendo discutidas nuances sobre como são as vivências delas

nesses espaços.

As perguntas que norteiam este podcast são: como é ser mulher e estar presente na movimentação da cena musical independente de Belo Horizonte? Quem são as mulheres que fazem com que a cena em BH exista de fato? Quais histórias elas carregam consigo? Fazem parte de um coletivo? Qual?

Exatamente por ser uma cidade com muitas mulheres trabalhando nos cenários musicais, surgiu a necessidade de construir um produto sonoro que fosse capaz de englobar algumas das suas representantes. Dessa forma, o podcast Vivaz busca valorizar a cena musical independente de BH, como um espaço politizado, de representatividade feminina, de expressão e também um local de luta contra o racismo e outras formas de desigualdade.

1. Alguns recortes sobre a trajetória das mulheres no mundo da música

A comunidade acadêmica no Brasil carece de mais publicações sobre questões que circundam a realidade das mulheres na música. Após pesquisas e levantamentos feitos, veremos que trabalhos sobre artistas homens são abundantes e mais fáceis de se encontrar, dando uma maior visibilidade a eles dentro do universo musical.

Conseguimos deduzir que a desigualdade entre os gêneros está presente nos anais das associações brasileiras de música, a partir do levantamento feito pela pesquisadora Laura Cardoso Cunha (2014) e demonstrado nas tabelas a seguir:

Tabela 1 - Produção acadêmica sobre mulheres na música

	ABEM	ABET	ANPPOM	TOTAL
Corpo e Performance	1	7	18	26
Mulheres e Relações de Gênero	3	13	6	22
Composição e Mulheres	0	0	13	13
Educação musical e Mulheres	11	0	3	14

Fonte: CUNHA, 2014

Tabela 2 - Quantidade e relação de trabalhos nacionais sobre mulheres na música

	TRABALHOS QUE ABORDAM INTERSECCIONALIDADES ENTRE GÊNERO, RAÇA/ETNIA E SEXUALIDADES EM MÚSICA	TOTAL DE TRABALHOS SOBRE MULHERES E MÚSICA*
ABEM	5	15
ABET	16	19
ANPPOM	10	40
TOTAL	31	75

*Corpo e Performance, Mulheres e Relações de Gênero, Composição e Mulheres e Educação Musical e Mulheres.

Leitura: De 15 trabalhos sobre mulheres e música, 5 abordam interseccionalidades entre gênero, raça/etnia e sexualidades em música.

Fonte: CUNHA, 2014

Além da diferença quantitativa, é possível perceber que os estudos sobre a temática feminina frequentemente abordam expressões corporais e performance. Já as questões sobre gênero, etnia e aspectos técnicos de música são temas encontrados com uma frequência menor nestes catálogos.

Os dados atuais demonstram que, embora existam trabalhos importantes na área e ainda que as pesquisas em questão se apresentem cada vez mais consolidadas no universo estudado, as práticas musicais ainda se baseiam em conceitos pré-concebidos de feminilidade e masculinidade (MOREIRA, 2012), onde o masculino se sobrepõe, numérica e simbolicamente, nas publicações em música e em suas áreas afins. (CUNHA 2014, p 14)

A partir de reflexões sobre o volume de trabalhos produzidos sobre a realidade feminina no universo musical e a necessidade de ver mais pesquisas e discussões sobre o tema, é que surgiu a ideia para a elaboração deste projeto experimental.

Não apenas como cantoras, compositoras e musicistas, as mulheres atuam em muitos âmbitos dentro da vida musical de uma cidade. Elas cumprem papéis administrativos, de bastidores, de comunicação e também na área da produção, onde é bastante forte a presença feminina.

Apesar dos preconceitos ainda existentes e muitas vezes escancarados contra a participação da mulher na música, sem a presença das musicistas, compositoras, empresárias, produtoras e diretoras criativas não seria possível a existência e a manutenção de uma cena musical independente.

O patriarcado e como isto se reflete na construção da sociedade, é uma pauta recorrente nas discussões feministas e sobre igualdade de gênero. Vem sendo tema de debates efusivos desde os anos 1970 (DE AZEVEDO, 2016).

Cena¹ ou cenário musical são termos que dizem respeito a cultura de algum grupo em relação com um território (NOGUEIRA, 2014). O termo é utilizado para quando vamos falar sobre um conjunto de práticas culturais, sociais e interacionais que estão ligadas a uma vivência musical como , o funk, ao punk, ao jazz, à bossa nova, ao samba...

Alguns desses estilos e suas cenas musicais têm forte relação com a ideia do “ser independente”. Segundo Filho e Fernandes (2005):

Como ferramenta interpretativa, o conceito de cena deve encorajar, portanto, o exame da interconectividade entre os atores sociais e os espaços culturais das cidades – suas indústrias, suas instituições e a mídia.

O indie rock, também chamado de “rock alternativo”, tem seu início frequentemente vinculado à Inglaterra e depois aos EUA. Desde os seus primórdios, na década de 1980, num contexto do pós-punk, o indie se coloca como uma oposição às lógicas culturais e padrões da sociedade. (DANTAS, 2020).

Advindo de “independent”, o termo indie tem relação direta com outros fatores que até hoje são cruciais para a existência/definição de cenas musicais. Para além da independência em relação às grandes gravadoras, destacam-se também: a música, a moda, o comportamento e a relação com o território.

As diferentes cenas possuem lógicas variáveis e modos distintos de encarar a mudança temporal e espacial. A fim de esclarecer esse ponto, Straw analisa a organização da cultura do rock alternativo, desenvolvida a partir do declínio da centralidade do punk dentro das culturas locais, no início da década de 1980. De acordo com o autor, enquanto a base da unidade das alianças musicais formadas pelo punk repousava em conjuntos estilísticos, a do rock alternativo teria sido deslocada para a relação distintiva que os espaços da atividade musical estabelecem com o tempo histórico e a localização geográfica. (FILHO, FERNANDES. p 6, 2005.)

A época do surgimento do movimento punk no Brasil é um exemplo de cenário musical, onde a representatividade feminina pode ser discutida. Em meados de 1980,

¹ “As cenas musicais são "enquadramentos sensíveis" que permitem, através de disputas e negociações, afirmar territórios sonoros, ou seja, circunscrições de experiências e consumos culturais articulados por sonoridades e pelo modo como elas circulam, são embaladas e posicionam os participantes das cenas em diferentes circuitos culturais. Já é possível antever nessa descrição a importância das cenas nos processos de identificação cultural com sonoridades e experiências musicais.” (JANOTTI JR, 2012)

as mulheres eram vistas nesse meio, na maioria das vezes, como namoradas dos músicos — “as minas dos caras” — e meros enfeites. Em razão disto, elas criaram formas de comunicação próprias como forma de combate a opressões: os zines feministas (MARQUES, 2013).

É muito difícil ser mulher e conseguir viver plenamente bem, quando se tem a noção de que o patriarcado ainda ceifa muito dos direitos que deveriam ser assegurados, inclusive no campo das artes. Essas opressões existem indiretamente, de modo velado ou até mesmo diretamente, com ofensas e questionamentos da presença em determinadas situações como: clipes, palcos, palanques.

Estudos feministas nos mostram que mulheres consideradas como “estragadas” ou ruins, são aquelas em que as mulheres são identificadas como exploradas sexualmente. Isto é: quando são vistas apenas como corpos ou pedaços de carne a serem apreciados, objetos de desejo e não de agentes sociais dotadas de desejos próprios e motivações diversificadas. (MOZDZENSKI, 2015, p. 80).

O patriarcado é o modelo pelo qual a maioria das sociedades vêm sendo constituídas ao longo da história. Todavia, se formos pensar em outros momentos da humanidade é sabido que já tivemos sociedades que eram matriarcais. Nestas, as mulheres não eram tidas como inferiores e demonizadas, mas sim consideradas seres sagrados (BOFF; MURARO, 2002).

Segundo a autora Christine Delphy, escritora do livro: “*O Dicionário Crítico do Feminismo*”, o **patriarcado** é uma palavra que está na história a muito tempo e pode ser definida como:

“Antes do século XIX (...), o patriarcado e os patriarcas designavam os dignitários da Igreja, seguindo a uso dos autores sagrados, para os quais patriarcas são os primeiros chefes de família que viveram, seja antes, seja depois do Dilúvio. Nesse sentido ainda é encontrado, por exemplo, na Igreja Ortodoxa, na expressão 'o patriarca de Constantinopla.’” (DELPHY apud HIRATA apud DE AZEVEDO, 2009, p.173; 2016, p.13).

Em pesquisa realizada no ano de 2019, o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) nos mostra que mesmo com uma queda na desigualdade salarial entre homens e mulheres entre os anos de 2012 e 2018 as trabalhadoras ganham, em média, 20,5% a menos do que os homens no Brasil.

Além disso, homens são comumente mais reconhecidos como líderes e autoridades a serem seguidas dentro das mais diversas esferas: na familiar, dentro do trabalho e na política. Tudo isso pode ser considerado um impacto do patriarcado nas relações sociais entre os gêneros até os dias atuais.

Assim como a desigualdade entre o feminino e masculino é algo que reflete em diversas instâncias da sociedade, na música não seria diferente. Nas canções, apresentações e composições clássicas, quase não vemos mulheres compositoras e quando sabemos da sua existência, é notório que passaram por dificuldades para conseguir fazer sua arte.

Um caso particular que ganhou notoriedade por exemplificar essa desigualdade gritante na história da música é o de Maria Anna Mozart, irmã de Wolfgang Amadeus Mozart. Embora tivesse talento comparável ao irmão, ela não teve o mesmo reconhecimento do célebre compositor do período clássico (AGUIAR, 2015, p. 1). Quando crianças, as apresentações que faziam em conjunto eram chamadas de grandiosas, mas ao tornarem-se adultos, seguiram por caminhos diferentes. Ela deveria simplesmente largar a música para cuidar de sua casa e arrumar um marido.

No artigo “Compondo o Gênero: Trajetórias de Cantoras-compositoras no Rio de Janeiro”, da pesquisadora e mestra em música Luisa Damaceno de Lacerda (2018), é possível observar que já no Brasil dos anos de 1920, houve um movimento de mulheres que lutavam por seus direitos dentro da música: elas iam contra os conceitos da época e resistiam, tocavam e estudavam violão.

Um dos preconceitos que resistem daqueles tempos até os dias de hoje é aquele deferido contra as mulheres que cantam e tocam de maneira solo. O público ainda fica pasmo com uma mulher que toca bem instrumentos de cordas, principalmente quando não tem uma figura masculina no palco (LACERDA, 2018).

Tendo isso em vista, a escolha das fontes para a realização do podcast foi firmada no critério de que, apesar de algumas terem álbuns e participações gravadas com alguns músicos homens, elas deveriam estar inseridas na carreira independente de maneira solo.

Como o violão é um instrumento tradicionalmente conhecido como masculino, mesmo após tantas lutas feministas por igualdade entre os gêneros, ainda há um

estranhamento do público ao se deparar com mulheres que desempenham e possuem excelência no domínio sobre este instrumento.

Aprender violão significava mais que estudar música, era uma tomada de atitude. Apresentá-lo em audições públicas, lançar-se além dos domínios domésticos e até possivelmente, abraçar uma profissão significava mais ainda: uma afronta, um desafio. (TABORDA, 2011, p. 156)

A ideia da figura feminina apenas como “cantora intérprete” frente a uma hegemonia da composição ser feita por uma figura masculina no meio musical, são fatores que levam a injustiças que perduram até os dias atuais.

Na era do rádio brasileira, as mulheres eram coagidas a se manterem na figura da intérprete. Na década de 1950, isso começou a mudar com a presença na cena musical de Dolores Duran e Maysa, que, além de boas cantoras, apresentavam composições próprias. Nos anos 1960, a cantora Joyce Moreno colaborou para esta mudança dentro do cenário brasileiro, sendo seguida por um número crescente de artistas. Desde então o universo da música popular brasileira nos apresentou compositoras de grande sucesso em diversos estilos como Rita Lee, Elza Soares, Gal Costa, Adriana Calcanhoto...

No entanto, ainda nos dias atuais, há mulheres que sofrem bloqueios pessoais acerca de suas criações e não conseguem acreditar no seu potencial de compositora e artista, em função tantas opressões. (LACERDA, 2018)

Olhando para a música popular como um todo, as mulheres têm sido mais consumidoras do que produtoras de música: o papel principal para as mulheres é o de fãs. Mulheres artistas têm sido mais proeminentes no “pop” comercial e “folk” do que no “rock”, mas seu lugar em todos estes mundos tem sido predominantemente de vocalistas ao invés de instrumentistas. E onde as mulheres têm sido instrumentistas, elas tendem a ser tecladistas. Enquanto as mulheres escritoras e cantoras de “folk” têm tocado violão, a guitarra elétrica (certamente o instrumento que mais sintetiza o “rock”) foi deixada nas mãos de meninos (BAYTON, 2004, p. 270)

É justamente daí que vem a ideia de um **patriarcado musical**. Por ocorrerem diversos fatores ao longo da história da humanidade que afetaram as mulheres e fizeram com que sua figura fosse vista de certo modo como inferior, é que existem estes reflexos e preconceitos na música.

As mulheres em todas as épocas padeceram do chamado ‘patriarcado musical’ cujo traço basilar contribui para o

conhecimento da história das práticas musicais das mulheres e para a divisão do trabalho musical em: ocupação em esfera pública correspondendo a características masculinas e, em esfera privada, às femininas; a masculinidade definida como ativa e produtiva (racional, inventiva, experimental) e a feminilidade como passiva e reprodutora, ocupada na produção de objetos e serviços úteis, diligente [...] Green demonstra, ainda, em sua obra que a ‘combinação de tolerância e repressão, acordo e oposição, favorecem de forma sistemática as mesmas divisões marcadas pelo gênero das que surge no patriarcado musical (GREEN, apud TANAKA SORRENTINO, 2012, p. 43)

Dentre os papéis cumpridos pelas mulheres dentro da cena musical, seja qual for o cenário em que ela estiver inserida, está o de ser um pilar da resistência. As mulheres ganhadeiras da região Nordeste, as divas da era do rádio, as garotas do rock’n’roll, as sambistas, as mulheres da bossa nova, as produtoras e todas figuras femininas, nas mais diversas cenas musicais existentes, são essenciais para que o cenário musical de fato exista.

Infelizmente ainda são muitos os estereótipos que circundam a presença feminina nas cenas musicais. Em função de figuras como a da “groupie”, da que é “apenas uma intérprete”, da acompanhante, dentre outras, musicistas são comumente alvo de julgamento e confundidas com garotas que querem apenas se promover dentro da cena sem um interesse genuinamente artístico. Por isso, a criação deste podcast visa mostrar uma realidade de luta que está inserida no contexto musical independente de Belo Horizonte.

2. Cenas musicais

Belo Horizonte é uma cidade de pluralidade no âmbito artístico. A cena musical independente faz parte da história da capital mineira, que hoje conta com muitas gravadoras, locais de produção e também uma Associação Mineira dos Artistas Independentes.

Para a compreensão desse universo, é preciso desenvolver reflexões sobre a ideia de cena musical, noção que diz respeito à forma como a música circula no espaço urbano e se relaciona com as interações sociais

As cenas são compostas por diversos atores sociais como produtores, coreógrafos, divulgadores, compositores, cantores, instrumentistas, artistas plásticos e designers. Participa também o público que convive com a cena em função de laços de sociabilidade e afetividade. É notório que esse tipo de sociabilidade não se reduz a eventos e práticas estritamente musicais (como shows e gravações). Todavia, para que uma cena musical aconteça de fato, as vivências musicais são cruciais.

Digo que ela não pode ser encontrada apenas em apresentações musicais, pois o cenário musical realmente se constitui de diferentes formas dentro das cidades. Trotta (2013) explica que:

A metáfora teatral aproxima a noção de cena à ideia de performance, vivenciada coletivamente em espaços públicos das cidades. Também aponta para uma ambiência social, onde os objetos, ruas, clubes, bares, equipamentos, aparelhos, prédios e palcos formam um contexto material para as interações culturais entre indivíduos e grupos. A cena pode ser, assim, uma porta de entrada para um determinado conjunto de questões que gravitam em torno da música, não restrita à sonoridade, mas também incluindo toda a ambientação e os aparatos que a cercam.

É interessante, ao falar de cenas musicais, discorrer um pouco sobre teóricos que se dedicaram ao estudo desse fenômeno. Os teóricos da recepção questionam as hierarquias elitistas dentro das práticas culturais. Um dos seus grandes contribuidores, Stuart Hall, por exemplo, diz que não há uma movimentação de cultura que seja melhor ou pior que as outras. Dentro dessa relação pode-se acentuar que há uma ideia de pertencimento que atrai os indivíduos para se identificarem com certas cenas. Esta ideia de pertencimento está diretamente ligada com aspectos sociais e individuais que compõem a relação entre sujeitos, música e território:

O termo se refere a uma instigante articulação entre gênero musical e território, entrecortada por apropriações culturais que incluem indumentária, hábitos, gestos, gírias, e um peculiar sentimento de pertencimento. (TROTТА, Felipe. 2013, p. 59)

Pelo fato de os seres humanos pertencerem a gêneros e pensamentos ideológicos diferentes, morarem em determinadas localidades, não terem um mesmo tipo de trabalho, consumirem certos filmes, livros e terem, também, outras preferências individuais que refletem em sua construção da personalidade, é que as identidades pessoais são construídas, de forma que divergem umas das outras.

Dessa forma, as pessoas podem se identificar com cenas totalmente diferentes umas das outras. Como os indivíduos que participam dos cenários musicais são seres diferentes uns dos outros, eles não vão se identificar de uma forma igual, padrão.

Por exemplo: vamos supor que, uma cantora de sertanejo está sempre presente nos bares de sua cidade onde participa ativamente da movimentação do feminejo. Ela pode também se identificar com as vestimentas utilizadas pelos amantes do rock alternativo e incorporar na sua linguagem gírias do funk, ao frequentar bailes e escutar bastante em casa.

Pode ocorrer também de uma pessoa mudar sua identificação acerca de um cenário musical. Eu mesma já fui ativa no cenário musical do rock independente em João Monlevade. Participava das movimentações dentro da cidade, shows, eventos... Minhas composições, tanto as que apresentava e as que guardava para eu mesma, eram todas neste segmento do rock. Hoje em dia já não participo, nem me identifico mais com este movimento por fatores ideológicos e de mudança de preferência musical.

Os indivíduos se agrupam pela identificação que têm pela cena. Segundo Jeder Silveira Janotti Junior e Adna da Silva Rodrigues (2015), pode-se entender a música como uma expressão estética e também como uma articuladora cultural, ou seja, ela faz parte de um ambiente comunicacional.

Diante desse cenário, não parece mais possível isolar as relações entre música e identidade em espaços engessados. As chamadas cenas musicais projetam identidades nas constantes negociações entre afirmações cosmopolitas (conexão com expressões musicais que circulam em lugares distintos do planeta através da internet e outros meios) e as formas como as mesmas expressões musicais se materializam em diferentes espaços urbanos. (JANOTTI JUNIOR, RODRIGUES, 2015. p.1).

Um dos pioneiros nos estudos de cena musical é Will Straw, da Universidade de McGill, no Canadá. Ele é referência e estuda esses fenômenos desde os anos 1990. Segundo Straw essas cenas são: “um espaço cultural em que várias práticas musicais coexistem interagindo entre si com uma variedade de processos de diferenciação”. (STRAW apud NOGUEIRA, 2014 p. 22). Dessa forma:

As cenas podem, ainda segundo Straw, serem distinguidas de acordo com a sua localização (a cena pernambucana); o gênero da produção cultural que lhes dá coerência (cena punk); ou a atividade social da qual ela toma forma, como uma cena de cineastas. (STRAW apud NOGUEIRA, 2014 p 22.).

As cenas musicais, sejam elas independentes ou não, variam de acordo com sua localização e cada cidade tem sua especificidade. Alguns gêneros musicais tendem a ser mais identitários de alguns locais; Belo Horizonte, por exemplo, era considerada, em meados de 1980, a capital nacional da cena heavy metal. Apesar de existirem muitas cenas, todas elas têm sua devida parte para a formação de uma cena multicultural local.

A formação de uma cena, local em que também é possível reconhecer a participação de atores sociais envolvidos na cadeia produtiva da música, desde a sua composição e gravação até o seu consumo final, subentende uma série de implicações. A principal delas é o desenvolvimento social e econômico do espaço urbano, através da formação de um grupo que se identifica com a cena e atua na disseminação da informação e conhecimento dentro da cena, forjando redes sociais, afetivas e mercadológicas ao redor de certas práticas musicais. (JANOTTI JUNIOR. 2011. p. 5).

Na história geral das cenas musicais, a proposta independente surge como sendo uma forma de alternativa à hegemonia que era tida pelos meios tradicionais do mercado fonográfico e dos grandes selos de gravadoras, de controlar a produção sonora.

Ao discutir a música independente dentro das cenas musicais, é possível pensar em todos seus componentes (as ruas e pontos de encontro, os fóruns online, a lógica da produção e recepção) como peças muito importantes para a fomentação da cultura dentro das cidades.

E as mulheres têm seu papel de importância no dia a dia das cenas, seja criando ou participando de eventos, fomentando rodas de conversa em bares, fazendo um vlog, produzindo, consumindo, fazendo a propaganda e marketing ou debatendo em comentários sobre o cenário musical com o qual se identificam.

3. Podcast

O podcasting é um formato midiático cada dia mais relevante que vem trazendo consigo possibilidades para o fomento da produção e do consumo de áudio na atualidade. Pode tanto informar quanto servir como uma forma de entretenimento..

Muitas pessoas gostam de escutá-los enquanto desempenham alguma outra atividade (PODPESQUISA, 2018), algo típico da linguagem radiofônica.

Os podcasts estão dentro da lógica expandida do rádio, para além das ondas hertzianas. Sua circulação se opõe a uma ideia tradicional de consumo de conteúdos radiofônicos, em grades de horário. Podem ser compartilhados nas redes sociais, ouvidos no momento mais adequado para o público e conseguem ter uma possibilidade maior de circulação entre ouvintes (KISCHINHEVSKY, 2016).

De alguma forma, o podcast foi importante para uma redefinição da linguagem radiofônica. Até o início deste século, para que um produto sonoro fosse considerado radiofônico, a emissão e a audição deveriam se dar de forma simultânea.

Ao longo dos últimos anos, a definição começa a incluir produtos feitos para audição diferenciada e, paralelamente, a prática do podcasting começa a ter um maior reconhecimento. Este formato possui formas onde são veiculados produtos de cunho jornalístico, de storytelling, rodas de conversa e rádio documentário.

Dessa forma, hoje é possível falar em rádio expandido: “a ampliação do entendimento do rádio para além das emissões eletromagnéticas, abarcando ou se aproximando de novas manifestações sonoras associadas à internet”. (FERRARETTO apud KISCHINHEVSKY, 2016)

Referência nos estudos atuais sobre podcasts, a Podpesquisa foi criada por Marcelo Oliveira do Projeto Fritzlandia e Ronaldo Ferreira do Racum, em 2008. Um de seus intuitos é conhecer de modo mais aprofundado a comunidade e os ouvintes de Podcast no Brasil (ABPod, 2018). Com a divulgação da rádio CBN e de parceiros, outras plataformas digitais de podcast e produtores, foram aplicados mais de 20 mil questionários, para grupos diferentes. Assim a pesquisa observou as similaridades e diferenças entre eles: os ouvintes de podcast, os que são produtores e os que não são ouvintes de podcast.

Segundo dados da Podpesquisa 2018, os ouvintes que mais consomem o conteúdo de podcasting o fazem através do smartphone, em primeiro lugar, seguido do computador e do carro.

Tomando em consideração os dados colhidos na referida pesquisa, pode-se afirmar que o perfil dos ouvintes de podcast tem maioria de homens, entre 20 a 40 anos de estado civil solteiro, sendo estes principalmente moradores de cidades da

região sudeste do país e o horário mais escutado é à noite.

Uma pesquisa anterior realizada pela consultoria Blubrry, em maio de 2016 já apontava que essas produções sonoras são bastante difundidas em escala global, com mais de 40 mil podcasts publicados ao redor de todo o planeta.

No Brasil, a pesquisa da Blubrry² constatou que, em 2016, já havia mais de 1.400 podcasts ativos em seu território. A praticidade do formato é um ponto relevante, pois após realizar o download do programa, o ouvinte tem a possibilidade de mantê-lo salvo em seu computador pessoal ou celular e escutá-lo como e onde for de sua preferência.

Outro ponto característico dos podcasts é a possibilidade de escutá-los enquanto se realizam outras atividades. Por exemplo, posso ouvir um episódio de uma roda de conversa sobre a cena do axé em Salvador, enquanto faço uma corrida noturna na rua.

No Brasil, podemos citar algumas plataformas populares para a reprodução de podcasts como o Soundcloud, o Spotify, o Stremio e o Ivoox. As mais votadas segundo os dados de 2018 da ABPod eram: Podcasts Addict, o próprio Site/aplicativo do podcast e o Itunes.

Essas preferências, no entanto, tendem a mudar com o investimento que a plataforma Spotify tem feito no setor, abrigando atualmente mais de 2 milhões de podcasts³.

Os formatos com maior popularidade no podcasting são as rodas de conversa, que costumam vir um teor de conversa mais informal. Em alguns casos, o tom é mais jornalístico, mas em outros se assemelham a uma conversa entre amigos sobre algum assunto em pauta (SILVA, SANTOS, 2020)

O produto deste projeto experimental visa seguir a lógica da entrevista em formato podcast pois desse modo seria possível criar uma relação dinâmica com o ouvinte, buscando um tom de proximidade através da conversa. O podcast contará

² Disponível em:

<<https://www.terra.com.br/noticias/dino/o-audio-na-internet-brasil-tem-mais-de-1400-podcasts-ativos-no-pais,512c17abd18b3a4ad8e467f8ced86e0fxptp1i3l.html>>

³ Spotify tem crescimento recorde em 2020 com foco nos podcasts | Exame. Disponível em: <https://exame.com/tecnologia/com-foco-nos-podcasts-spotify-tem-crescimento-recorde-em-2020/>. Acesso em 14 abr. 2021 .

com quatro episódios e em cada um deles terá a presença de uma figura feminina que protagoniza o cenário musical independente de Belo Horizonte.

Ele será disponibilizado online na plataforma SoundCloud, por uma identificação pessoal com a plataforma, que músicos independentes comumente utilizam para descobrir novas músicas e divulgar seus trabalhos.

Usaremos Hashtags como: “mulheres” “música independente” “cena bh” “cultura” para que outros usuários interessados no assunto, quando pesquisarem, consigam achar o produto com maior facilidade. A intenção é conectar o SoundCloud a outras redes sociais para divulgar ainda mais o produto.

Para o desenvolvimento do podcast Vivaz, tomamos como referência outros produtos construídos no formato de entrevistas ou debates. Nesse sentido, o Mamilos é um exemplo de podcast de grande circulação que discute temáticas femininas e sobre representatividade em seus episódios.

Com duração que em torno de uma hora, os episódios deste podcast costumam pôr em discussão diversas temáticas dentro da agenda cotidiana, não focando apenas em pautas específicas do feminismo. Porém há episódios especiais, estes com bem mais de uma hora de duração. o Mamilos fez uma cobertura notável, com a presença de várias mulheres, debatendo sobre o caso do assassinato a sangue frio da vereadora Marielle Franco do PSOL no Rio de Janeiro.

Tendo como uma das inspirações o projeto no YouTube “Além do Rolê⁴”, que promove debates em vídeo sobre o cenário musical independente belorizontino, a proposta do podcast Vivaz se faz diferente por trazer apenas convidadas mulheres.

Através das apresentações no podcast sobre as cenas escolhidas (pop, indie rock, jazz e rap) deseja-se agregar nuances da história destas mulheres e sua importância para a cultura de Belo Horizonte.

Outro exemplo de podcast que discute as temáticas feministas e usa do segmento da roda de conversa é o Olhares. Este podcast busca em seus episódios problematizar práticas opressoras da sociedade e voltar os olhares principalmente para as lutas femininas, seus direitos e conquistas.

⁴ Link para acompanhar os vídeos do projeto no youtube:<https://www.youtube.com/channel/UCe-lmGD994GR0ND-tS8QI4O/featured>).

Tendo episódios com cerca de uma hora de duração, as discussões são feitas através de um exercício do lugar de fala, trazendo convidados e convidadas para os temas escolhidos com a finalidade de ampliar os horizontes do debate e construir um ambiente plural de troca de informações para o produto radiofônico.

Nossa proposta busca inspiração nestes exemplos, embora proponha alguns quadros específicos, pensados para explorar a temática de nosso interesse.

4. Proposta

O podcast *Vivaz* foi produzido inicialmente em quatro episódios, com duração média de 45 minutos. A escolha do nome vem da ideia de que, além de serem importantes para a existência de uma cena musical, as mulheres se encaixam perfeitamente no significado da palavra “**Vivaz**”: aquilo que é vigoroso, cheio de vida.

O adjetivo vem do termo em latim *vivax*, que significa duradouro, de vida prolongada. Também diz respeito àquilo que é forte, resistente e difícil de matar. Cada episódio traz memórias e histórias de mulheres da cena musical de BH, sendo dividido em três quadros:

Tabela 3: Divisão de quadros do podcast

Quadros do <i>Vivaz</i>	Descrição
1- Troca de ideia	Com duração de cerca de 15 minutos, neste quadro a convidada poderá discorrer sobre sua cena e vivências pessoais.
2- E se...	Neste quadro, de também 15 minutos, haverá uma discussão de possibilidades de melhorias para as mulheres dentro da cena musical independente, apontando críticas e tecendo soluções juntas para a mudança de opressões.
3- Se liga nesse som	Este quadro tem cerca de 10 minutos de duração. Após uma contextualização e breves comentários será tocada uma música da convidada na íntegra para o ouvinte ter uma imersão maior no som da convidada.

Fonte: formulação da autora

Utilizando do formato de entrevista, o *Vivaz* procura ser um podcast mais intimista, com a finalidade de quebrar alguns dos mitos sobre a presença das mulheres na música e incomodar os ouvidos machistas que povoam as cenas.

5. Diário de Campo - Podcast Vivaz

Produzir o Podcast Vivaz foi uma grande oportunidade para conhecer mais sobre a realidade das mulheres belorizontinas que vivem o cenário musical da cidade. Até hoje, muitas profissões e cenários são dominados por uma hegemonia de poder masculina, e a música é mais uma destas. Então, acredito que conduzir um projeto cuja meta é exaltar a potência das mulheres na música, como protagonistas do cenário, é um tipo de jornalismo que deve ser trabalhado cada vez mais.

A escolha do tema para este trabalho de conclusão de curso, “Protagonismo Feminino nas Cenas Musicais Independentes” se deve ao fato que em toda minha vida a música esteve presente como uma forma de expressão, liberdade e filosofia. O desejo de retratar e conhecer a realidade de outras mulheres nestes cenários me fez decidir seguir por este viés de pesquisa.

Comecei a me interessar pelo universo musical quando criança e tive minha primeira banda aos 12 anos. Com o passar dos anos, muitas coisas mudaram, mas as minhas matérias preferidas na faculdade, em blogs, em programas de rádio e TV continuaram a ser as que tinham a ver com música e crítica musical.

Era muito comum ouvir, durante minha adolescência, falas preconceituosas direcionadas à presença feminina em bandas. O estilo em que eu fazia parte era o do rock, que apesar de ser uma cena com ideários nada conservadores nos seus primórdios, passou a ter pessoas de pensamento muito arcaico em seu meio. Minha inspiração sempre foram as mulheres fortes, que faziam música do modo que desejavam e batiam de frente com o patriarcado musical.

A ideia do Podcast Vivaz é ser um espaço de expressão para as mulheres da cena, onde possam transmitir suas vivências: contar histórias de vida, de carreira e de luta.

Pensei em retratar protagonistas, as que tomavam posse do direito de ser livre para poder se expressar e produzir narrativas femininas através da música, por isso o nome inicial do projeto era “Protagonistas: Mulheres na música”, o que acabou se modificando com o decorrer do tempo.

Através da leitura de textos sobre a realidade de compositoras, musicistas, produtoras e intérpretes, começaram a surgir pensamentos mais concretos de como seria este produto. O rádio é uma forma clássica de reproduzir um espaço de diálogo sobre assuntos musicais. Então, apresentar um podcast seria uma ótima maneira de conseguir fazer as pessoas se conectarem com o tema desejado, ouvindo as narrativas por meio da própria voz das mulheres entrevistadas.

O Vivaz tem como ideário uma pegada moderna em podcast, mas é dividido em quadros, lembrando os famosos programas de rádio com a temática musical que faziam sucesso nas rádios hertzianas. Foram escolhidas quatro participantes da cidade de Belo Horizonte para esta primeira temporada do Vivaz: Cleópatra representando o Hip Hop, Clara Tannure o Pop, Natália Mitre o Jazz/Música instrumental e Mandy Owl o Indie Rock. Futuramente o podcast irá se estender para outros estilos, podendo também retratar mulheres de outras cidades.

As participantes foram escolhidas de forma aleatória, sem priorizar ou padronizar idade, etnia e tempo de trabalho no mundo da música. Algumas escolhas foram definidas através de indicações de amigas, outras em grupos de facebook femininos e por pesquisas em mídias digitais: blogs, revistas online, matérias em jornais, páginas no facebook e instagram. Também tive ajuda do meu orientador, Carlos Jáuregui com as indicações.

A ideia de escolher mulheres de BH veio pelo fato de que a capital mineira é bastante diversificada em suas cenas, que também dialogam entre si. Por exemplo: após finalizar as gravações, compreendi como o cenário Pop de BH dialoga diretamente com a cena do Hip Hop.

Das quatro participantes, duas tinham formação acadêmica e as outras duas não. Mesmo tendo experiências de vida completamente diferentes, elas exprimiram falas que demonstram uma visão da realidade feminina no âmbito musical de maneira bastante semelhante, com dores e felicidades parecidas..

Na parte inicial do projeto, comecei a pesquisar sobre a realidade das mulheres no mundo musical e seus registros em artigos, filmes, monografias e ensaios escritos. É

muito interessante perceber como o campo teórico, que foi utilizado para nortear o projeto, vai ao encontro das falas das entrevistadas. Mesmo as entrevistadas que não tinham contato nenhum com textos acadêmicos, contavam durante os episódios sobre sentimentos e ações cotidianas exatamente iguais às relatadas por pesquisadoras que foram citadas no Memorial.

Infelizmente, o avanço da Covid-19 afetou a todas envolvidas no projeto de maneiras diferentes, a pandemia não permitiu que o Podcast Vivaz fosse um produto feito presencialmente. As gravações das entrevistas foram realizadas em casa, através da plataforma Discord. Por esse motivo é possível, mesmo após cuidadosa edição de áudio, limpeza de ruído e equalização, escutar alguns sons externos à conversa como: latidos de cães, barulhos advindos da rua, vento passando pelas janelas etc.

As gravações também foram adiadas e remarcadas inúmeras vezes, o que fez com que o projeto tivesse sua data de lançamento acertada para 2021. O pai de uma das entrevistadas teve complicações devido a Covid-19 e veio a falecer, mas mesmo abalada, ela decidiu contribuir com o projeto. Outra entrevistada gravou para o Vivaz enquanto executava seu trabalho de cabeleireira, e eu entendi sua decisão tranquilamente. Afinal, nestes tempos é muito difícil conseguir gerar alguma forma de renda, era o único horário disponível que ela podia me oferecer. A última gravação para o projeto foi realizada no final de dezembro de 2020.

A pandemia fez com que as pessoas dessem mais valor ao trabalho musical, por causa das famosas lives e da solidão causada pelo cancelamento de inúmeros eventos culturais. Gostaria muito de ter conseguido produzir conteúdo fotográfico e audiovisual para além do podcast em áudio, pois acredito que enriqueceria ainda mais o produto final. No entanto, não foi possível encontrar pessoalmente com as participantes do Vivaz por motivos de segurança e saúde.

As trilhas sonoras são Beats (instrumentais) de uso livre e todos passaram por processos de edição trabalhando a equalização (cortes de frequência), modulação das ondas sonoras e alterações no pitch (tonalidade), dando caráter único ao som. A plataforma Daw (Digital Audio Workstation) utilizada para criar os podcasts foi o *Fruity Loops Studio*, desenvolvido pela empresa belga *Image Line*. Todo o processo de edição das vozes e dos "BGs" foi desenvolvido nesta plataforma.

Agora, chegando na parte final da primeira temporada do Vivaz, sei que há muito a se discutir e aprender sobre as mulheres na cena musical independente. Entretanto sou imensamente grata, pois tive bastante apoio do professor Carlos Jáuregui a orientação do trabalho e do músico Arthur Santos na escolha das trilhas sonoras. Eles sempre acreditaram no potencial deste projeto.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, Ione. **Mozart tinha uma irmã tão talentosa quanto ele**. Disponível em: <https://www.huffpostbrasil.com/2015/11/25/mozart-tinha-uma-irma-ao-talentosa-quanto-ele_a_21684734/> Acesso em: 11 maio 2019.

BAYTON, Mavis. **Women and the electric guitar**. In: FRITH, Simon. *Popular music: critical concepts in media and cultural studies*. London: Routledge, 2004.

MURARO, Rose Marie; BOFF, Leonardo. (Org.). **Feminino e masculino: uma nova consciência para o encontro das diferenças**. Rio de Janeiro: Sextante, 2002.

CUNHA, L. C. **Feminaria Musical II: O que (não) se produz sobre música e mulheres no Brasil nos Anais dos encontros das associações musicais brasileiras**. In: Anais da 18ª REDOR, Universidade Federal de Pernambuco, Recife – PE, 2014.

DE AZEVEDO, Fernanda Maria Caldeira. **O conceito de patriarcado nas análises teóricas das ciências sociais: uma contribuição feminista**. Revista Três Pontos, 2016.

DELPHY, Christine. (2009), "**Patriarcado (teorias do)**". In: **HIRATA, Helena [et al] (orgs.). Dicionário Crítico do Feminismo**. São Paulo, Editora UNESP .

JANOTTI JUNIOR, Jelder Silveira ; RODRIGUES, Adna da Silva. **Metodologia de análise das cenas musicais através da assinatura das redes e performances de gosto**. XIII Conic - Congresso de Iniciação Científica: [s. n.], 2015. Disponível em: https://www.ufpe.br/documents/616030/924101/Mangue_beat_mpt_e_heavy_metal.pdf/8ea74b9e-94d6-4ca1-b126-778e6a220ab1. Acesso em: 10 maio 2019.

JANOTTI JUNIOR, Jelder Silveira; LIMA, Tatiana Rodrigues; PIRES, Victor Almeida de Nobre. **Dez anos a mil: Mídia e Música Popular Massiva em Tempos de Internet**. Porto Alegre: Simplíssimo, 2011.

JANOTTI JUNIOR, Jelder Silveira; LIMA, Tatiana Rodrigues; PIRES, Victor Almeida de Nobre. **Entre os afetos e os mercados culturais: as cenas musicais como formas de mediatização dos consumos musicais**. Porto Alegre: Simplíssimo, 2011.

KISCHINHEVSKY, Marcelo. Rádio e mídias sociais – **Mediações e interações radiofônicas em plataformas digitais de comunicação**. Rio de Janeiro: Ed. Mauad X, 2016.

LACERDA, L. **Compondo o gênero**. Revista *Aspas*, v. 8, n. 1, p. 176-188, 6 ago. 2018.

MARQUES, Gabriela Miranda. **As artes de resistir: mulheres na cena anarcopunk (1990- 2002)**. In: XXVII Simpósio Nacional de História. Natal, Anpuh, 2013.

MOZDZENSKI, L. Feministas vs Stupid Girls: **a construção midiática da identidade feminina na cultura pop**. In: Sá, S. P; CARREIRO, R.; FERRAZ, R. (orgs) *Cultura Pop*. Salvador, EDUFBA; Brasília, COMPÓS, 2015, p 73-90.

NOGUEIRA, Bruno Pedrosa. Pensando a cena musical a partir dos territórios informacionais. **Contemporânea (Título não-corrente)**, [S.l.], v. 12, n. 2, fev. 2015. ISSN 1806-0498. Disponível em: <<https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/contemporanea/article/view/13007>>. Acesso em: 24 nov. 2019. doi:<https://doi.org/10.12957/contemporanea.2014.13007>.

PODPESQUISA, 2018. **Resultado Geral da PodPesquisa 2018**. Disponível em: <<http://www.abpod.com.br/media/docs/PodPesquisa-2018.pdf>>. Acesso em 20 abr. 2019.

TABORDA, M. **Violão e identidade nacional**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.

TANAKA, Harue. **Mulheres na música: uma trajetória de luta e invisibilidade através da lente de uma pesquisadora**. *Claves*, vol 2018, p. 1-25, 2018.

TROTTA, Felipe. **Cenas Musicais e Anglofonia: sobre os limites da noção de cena no contexto brasileiro** IN: In JANOTTI JR, Jeder; SÁ, Simone Pereira de.(orgs.)*Cenas Musicais*. São Paulo: Anadarco, 2013.

VICENTE, Eduardo. A música independente no Brasil: uma reflexão. **Encontro dos Núcleos de Pesquisa da Intercom**. Cd-Rom. Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 2005.

APÊNDICE I

ROTEIROS:

Episódio 01 - Cleópatra (cena do Hip Hop)

Abertura: Olá ouvinte, tudo lindo? Eu sou Anna Quaresma e este é o Podcast Vivaz, um espaço para falar sobre as mulheres na cena musical. Nesta primeira temporada vamos entrevistar protagonistas no cenário do hip hop, do pop, do jazz/música instrumental e do indie/rock alternativo na cidade de Belo Horizonte. Bora com a gente?! Neste episódio, representando o Hip Hop, vamos falar com a Cleópatra! Ela é uma artista que está na cena de BH há algum tempo, é cantora e também atua na área da produção.

Primeiro Quadro - “Troca de Ideia” Duração: cerca de 15 min

Intro: O nosso primeiro quadro é o “Troca de Ideia” e nele vamos conversar sobre a visão, as memórias e as ideias de cada convidada. Assim podemos conhecer melhor sobre a vida e a trajetória de cada uma das artistas. Hoje nós temos o prazer de receber: Cleópatra!

Perguntas: Olá, tudo bem com você? Obrigada por participar do nosso podcast! Vamos fazer uma apresentação...Conta pra quem ainda não te conhece, quem é você? Como é seu trabalho? Como começou sua história na música?

Quais foram alguns dos obstáculos enfrentados por você pelo fato de ser mulher e estar inserida no cenário do Hip Hop?

Qual seu maior anseio em relação à música na cidade de BH?

Como você vê o trap e o hip hop na cidade?

O que você pensa sobre “música independente”?

Quais são suas maiores influências?

E as influências em BH?

De que forma você dialoga com outros estilos?

De qual modo você enxerga o trap feminino?

Como você entende a presença das mulheres na cena musical de BH?

Segundo Quadro - “E se...” Duração: cerca de 15 min

Intro: Este é o momento em que nós mulheres vamos apontar e discutir possibilidades de melhoria dentro dos cenários musicais, para que seja possível ter mais dignidade neste meio. E se... por exemplo, houvesse mais igualdade?

Perguntas: Como os obstáculos enfrentados por você e outras mulheres na música te afetaram?

Como combater o machismo dentro da cena independente?

Como as mulheres devem lutar contra opressões dentro do hip hop?

Qual conselho você daria para as mulheres que pretendem seguir uma carreira dentro da música?

E para os homens o que você diria?

Terceiro Quadro - “Se liga nesse som!” Duração: cerca de 10 min

Intro: Chegamos na parte final do nosso programa! Muito obrigado, pela participação. Após estas discussões tão necessárias e urgentes, vamos conversar sobre uma música escolhida pela artista, Cleópatra escolheu uma de suas músicas e vamos tocá-la na íntegra, para que você, ouvinte, possa aproveitar! Se liga nesse som...!

A: Cleópatra, como essa música marcou sua vida/carreira? Conta a história dela pra gente, por favor...

A: Por que você escolheu essa faixa?

(tocar música na íntegra)

Este podcast é um projeto de TCC do curso de Jornalismo da Universidade Federal de Ouro Preto. Produzido por Anna Quaresma, com orientação do Prof. Carlos Jáuregui e colaboração de Arthur Santos na trilha sonora.

Episódio 02 - Clara Tannure (cena do Pop)

Abertura: E aí ouvinte, tudo lindo?! Eu sou Anna Quaresma e você está ouvindo mais um episódio do vivaz, seu podcast sobre as mulheres na cena. Vamos falar da cena do Pop em BH e a entrevista de hoje é com a Clara Tannure. Ela é um dos nomes em

ascensão nesse cenário e está construindo uma carreira sólida com milhares de acessos em suas músicas. Bora conhecer mais sobre ela?!

Primeiro Quadro - “Troca de Ideia” Duração: cerca de 15 min

Intro: O nosso primeiro quadro é o “Troca de Ideia”, onde vamos conversar um pouco sobre a trajetória musical e os pensamentos de cada convidada.

Perguntas: Oi Clara, tudo bem? Primeiramente, gostaria de agradecer por você ter aceitado o nosso convite, muito obrigada!

Fala pra gente: quem é você?

Como foi o seu começo no meio musical?

Você pode contar sobre alguma situação difícil já enfrentada pelo fato de ser mulher dentro da música?

O que você pensa sobre a música, de forma geral, na cidade de BH?

Como você vê o cenário do rock na cidade?

O que você pensa sobre a “música independente”?

Conta pra gente sobre as suas influências!

Você tem influências em BH?

De que forma você dialoga com outros estilos?

De qual modo você enxerga o movimento do rock feminino?

Como você vê a presença das mulheres na cena musical de BH?

Segundo Quadro - “E se...” Duração: cerca de 15 min

Intro: Este é o momento onde nós mulheres vamos apontar e discutir possibilidades de melhora dentro dos cenários musicais, para que seja possível ter mais dignidade neste meio. E se... por exemplo, houvesse mais igualdade?

Perguntas: Como os obstáculos enfrentados por você e outras mulheres na música te afetaram?

Como combater o machismo dentro da cena independente?

Qual conselho você daria para as mulheres que pretendem seguir uma carreira dentro da música?

E para os homens o que você diria?

Terceiro Quadro - “Se liga nesse som!” Duração: cerca de 10 min

Intro: Chegamos na parte final do nosso programa! Muito obrigada. Foi muito bom conversar com você! Agora vamos conversar sobre uma música da nossa entrevistada, que ela mesma escolheu e tocá-la na íntegra para você curtir!

A: Como este som te marcou? Qual é a sua música escolhida? Conta a história dessa música pra gente, por favor...

A: Por que você escolheu essa faixa?

(tocar música na íntegra)

Este podcast é um projeto de TCC do curso de Jornalismo da Universidade Federal de Ouro Preto. Produzido por Anna Quaresma, com orientação do Prof. Dr. Carlos Jáuregui e colaboração de Arthur Santos na trilha sonora.

Episódio 03 - Natália Mitre (cena do Jazz/Música instrumental)

Episódio 03: Fala ouvinte, tudo lindo? Eu sou Anna Quaresma e você está ouvindo mais um episódio do podcast Vivaz. Aqui é o nosso espaço de falar sobre protagonismo feminino dentro das cenas. No episódio de hoje, para conversar sobre o jazz e a música instrumental, teremos o prazer de entrevistar a Natália Mitre! Ela é multi instrumentista, graduada em música pela UFMG e participa de coletivos musicais muito interessantes! Obrigada pela sua participação Nat!

Primeiro Quadro - “Troca de Ideia” Duração: cerca de 15 min

Intro: Quem nos acompanha já sabe, nosso primeiro quadro é o “Troca de Ideia” e nele a gente tem uma conversa pra você conhecer mais sobre a convidada e sua trajetória na música.

Perguntas: Olá Nat, como você está? Obrigada por participar do nosso podcast!

Conta pra gente como foi o seu início no mundo musical?

Você consegue dizer se já sofreu algum inconveniente por ser uma mulher na música?

O que você pensa sobre o cenário da música na cidade de BH?

Como você vê o jazz e a música instrumental na cidade?

O que você pensa sobre a “música independente”?

Quais são suas maiores influências?

E as influências em BH?

De que forma você dialoga com outros estilos?

De qual modo você enxerga o movimento do jazz feminino?

Como você entende a presença das mulheres na cena musical de BH?

Segundo Quadro - “E se...” Duração: cerca de 15 min

Intro: Este é o momento onde nós mulheres vamos apontar e discutir possibilidades de mudar injustiças dentro dos cenários musicais, para que seja possível ter melhores condições neste meio. E se... por exemplo, houvesse mais igualdade?

Perguntas: Como os obstáculos enfrentados por você e outras mulheres na música te afetaram?

Como combater o machismo dentro da cena independente?

Qual conselho você daria para as mulheres que pretendem seguir uma carreira dentro da música?

E para os homens o que você diria?

Terceiro Quadro - “Se liga nesse som!” Duração: cerca de 10 min

Intro: Chegamos na parte final do nosso programa! Nat, muito obrigada!!! Sua participação foi muito importante. Agora vamos aproveitar e curtir uma música escolhida pela Nat e antes, falar um pouco sobre ela. Se liga nesse som...!

A: Como esta música escolhida te marcou? Qual é sua história?

A: Por que você escolheu essa faixa?

(tocar música na íntegra)

Este podcast é um projeto de TCC do curso de Jornalismo da Universidade Federal de Ouro Preto. Produzido por Anna Quaresma, com orientação do Prof. Dr. Carlos Jáuregui e colaboração de Arthur Santos na trilha sonora.

Episódio 04 - Mandy Owl (cena do Rock Alternativo/Indie)

Abertura: Olá ouvinte, tudo lindo?! Espero que esteja tudo bem com você! Eu sou Anna Quaresma e este é o podcast vivaz. Se você gosta de música e quer saber mais

sobre as mulheres na cena de Belo Horizonte, acompanhe os episódios do Vivaz pelo Instagram @podcastvivaz. E no episódio de hoje, vamos falar sobre o indie rock que também é chamado de rock alternativo. A entrevista de agora é com a Mandy Owl, que é uma artista independente e faz um som alternativo, experimental... Bora pra nossa troca de ideia!

Primeiro Quadro - “Troca de Ideia” Duração: cerca de 15 min

Intro: Este é o nosso quarto episódio e agora, vamos para o “Troca de Ideia”, vamos conversar um pouco e você irá conhecer mais sobre a música da Mandy e sobre ela!

Perguntas: Olá Mandy, como vai? Super agradecemos sua participação, muito obrigada! Vamos começar as perguntas falando sobre o começo de sua história na música? Como e quando foi seu início no mundo musical? E hoje, como é sua atuação musical?

Você pode nos contar sobre julgamentos e obstáculos enfrentados por ser mulher e fazer o tipo de música que faz?

O que você pensa sobre o cenário da música pop na cidade de BH?

Como são as artistas e os artistas pop daqui?

Como você vê o seu estilo musical?

O que você pensa sobre a “música independente”?

Quais são suas maiores influências?

E as influências aqui de BH?

De que forma você dialoga com outros estilos?

De qual modo você enxerga o movimento do pop feminino?

Como você entende a presença das mulheres na cena musical de BH?

Segundo Quadro - “E se...” Duração: cerca de 15 min

Intro: Este é o momento onde nós mulheres vamos apontar e discutir possibilidades de melhoria dentro dos cenários musicais, para que seja possível ter mais dignidade neste meio. E se... por exemplo, houvesse mais igualdade?

Perguntas: Como os obstáculos enfrentados por você e outras mulheres na música te afetaram?

Como combater o machismo dentro da cena independente?

Qual conselho você daria para as mulheres que pretendem seguir uma carreira dentro da música?

E para os homens o que você diria?

Terceiro Quadro - “Se liga nesse som!” Duração: Cerca de 10 min

Intro: Chegamos na parte final do nosso programa! Valeu, Mandy! Foi ótimo ter você aqui! Obrigada pela disponibilidade. A Mandy, seguindo a tradição do nosso programa, escolheu uma música e nós vamos tocá-la na íntegra para você. Mas antes, vamos falar um pouco sobre ela... Se liga nesse som...!

A: Como esta música te marcou? Dizem que cada música tem uma história... você pode contar a história desta?

A: Por que você escolheu essa faixa?

(tocar música na íntegra)

Este podcast é um projeto de TCC do curso de Jornalismo da Universidade Federal de Ouro Preto. Produzido por Anna Quaresma, com orientação do Prof. Dr. Carlos Jáuregui e colaboração de Arthur Santos na trilha sonora.